

MICROSCÓPIO

A mais recente tradução brasileira da "Oração da Coroa", na qual se atribui implicitamente a Demostenes o conhecimento da batata, planta originária da América, trouxe à balha, mais uma vez, o caso das nossas traduções. Não se trata de questão de somenos importância, ainda mesmo nesta quadra convulsa, em que se estão decidindo os destinos da humanidade. É coisa grave, já por si mesma, porque uma tradução má traz mais danos do que benefícios ao desenvolvimento da cultura, já como índice revelador de ignorância e falta de escrúpulos.

Três condições há para que, contrariando o prolóquio italiano, o tradutor não se torne traidor e grande traidor: perfeito domínio da língua vernácula, completo conhecimento do idioma original e familiaridade com o assunto da obra. Pois bem: frequente é que nenhuma das três condições se verifique. Quem se quisesse dar ao trabalho, poderia organizar uma lista infinita de disparates de toda ordem, que pululam na maioria das versões nacionais.

Um dos casos mais remotos de que tenho memória é o da versão de um livro de Camillo Flammarión. Antes de Torricelli, explicava-se a ascensão da água nas bombas, dizendo que a natureza tinha horror ao vácuo. Lê-se, porém, na tradução: a natureza tem horror à vida. Poderá haver maior dispatério? É simples a explicação: o tradutor desconhecia o termo francês vide, vácuo, e tomou-o por vie, vida, sem reparar na monstruosidade que perpetrava.

Existe uma tradução de Nitelli, que traz no frontispício com todas as letras, o nome de dois tradutores. Além de trechos incompreensíveis apesar da clareza estilística do autor, encontram-se a cada passo belezas como essas: "máquina a ollo que se difunde" por mancha de óllo; pretos italianos por padres italianos; cincoenta milhares de marcos, por cincoenta bilhões de marcos. Não é necessário ter-se o original à vista para perceber a origem do erro: os tradutores confundiram macchia, mancha, com macchina, máquina; ignoravam que preto é nero, em italiano, e padre é prete; desconheciam que miliardo é bilhão e não milhar.

Mas, para que multiplicar os exemplos de semelhante falta de consciência e probidade, se elles aí andam a pulular? Urge entretanto, um remédio, que não poderá ser simples, por complexas serem as causas do mal. Uma das influências mais eficazes e mais fáceis caberia à critica, se esta prestasse maior attenção às traduções e não se limitasse a noticiá-las com palavras convencionais. Conter-se-ia, dest'arte, o alude de péssimas traduções, que tudo ameaçam arrasar, e dar-se-ia o justo relêvo às boas traduções, que ainda se fazem no Brasil.